



# Esperança

• AS IRMÃS SHACKLEFORD •

BEVERLEY WATTS

Esperança

AS IRMÃS SHACKLEFORD

Livro 1: *Graça*

Livro 2: *Temperança*

Livro 3: *Confiança*

Livro 4: *Esperança*

# Capítulo 1

Para dizer a verdade, Esperança Shackleford não gostava muito da ideia de passar as festas de fim de ano sob o mesmo teto que toda a família, ainda que o teto sob o qual a reunião aconteceria pertencesse ao conde de Ravenstone e fosse muito mais grandioso do que a modesta paróquia onde passara a vida toda.

De fato, tendo em vista que suas duas irmãs mais velhas eram casadas com membros influentes da alta sociedade, era preciso admitir que sua família estava se acostumando cada vez mais a luxos bem acima de sua posição social.

Esperança, por outro lado, apesar de ter uma cabeleira ruiva que indicava o contrário, era uma jovem prática, que evitava tanto a fantasia quanto o otimismo, ao contrário do resto de sua família excêntrica — seu pai principalmente — cuja vocação como homem do clero parecia, nos últimos anos, ter passado para segundo plano em relação à sua paixão por se intrometer em assuntos que, na opinião de Esperança, não eram da conta dele.

Assim as chances de suas festividades de Natal serem focadas nas alegrias simples da época eram, para Esperança, mínimas ou nulas.

Enquanto o resto de sua família já partira para Ravenstone em uma confortável frota de carruagens, enviada pelo conde no dia anterior, reverendo Shackleford naturalmente tinha seus deveres a

cumprir como mentor espiritual de seu rebanho antes de estar livre para participar de atividades mais frívolas.

Como de costume, sua madrasta, Agnes, decidiu que seria um esforço excessivo para sua afluente sensibilidade permanecer para apoiar o marido e, dada a rapidez com que o reverendo concordou, Esperança suspeitou de que ele não desejava passar mais tempo sozinho com a esposa do que ela com ele.

Portanto, foi decidido sumariamente que ela, sendo a filha mais velha que morava em casa, permaneceria para dar apoio ao pai até depois do culto na manhã de Natal, quando partiriam para Ravenstone para participar das festividades.

Ainda assim, isso significava que agora, após um jantar mais do que aceitável preparado pela cozinheira, sra. Tomlinson, Esperança podia passar uma véspera de Natal tranquila e contemplativa com um bom livro, enquanto seu pai se preparava para a missa da meia-noite.

De fato, com a sala tão aconchegante e quente, a lareira crepitando, e Freddy, o cão de caça de seu pai, roncando contente a seus pés, Esperança não tinha dúvida de que realmente fora agraciada com uma folga fortuita dos jogos tolos e diversões ridículas nos quais, com certeza, suas irmãs e seu irmão estavam envolvidos naquele momento. Como era de se esperar, ela iria à missa da meia-noite junto com a maioria dos moradores do vilarejo, mas, nas próximas duas horas, pretendia aproveitar ao máximo sua rara solidão.



Gabriel Atwood, outrora Visconde de Northwood, se perguntava se algum dia se livraria daquele frio que parecia penetrar em seus ossos, ou talvez, mais importante ainda, se conseguiria sobreviver àquela noite.

Por ser véspera de Natal, o único meio de transporte que conseguiu encontrar para levá-lo do porto de Dartmouth até a vila de Blackmore fora a carroça de um fazendeiro. O tal fazendeiro estava visitando sua irmã e, depois de quase ser jogado da carroça pela enésima vez devido à direção irregular de seu salvador, Gabriel temia muito que o homem estivesse ferido.

Segurando-se no banco de ripas abaixo dele, Gabriel cerrou os dentes enquanto se ajeitava com dificuldade e, de repente, percebeu que estava concentrado em suas partes íntimas. Pelo amor de Deus, ele não tinha certeza se seu traseiro se recuperaria algum dia. Ele olhou para o homem silencioso e mal-humorado ao seu lado. Pelo visto, o caipira não era um bêbado alegre.

Com uma careta, ele se encolheu no casaco fino e tentou ignorar a dor no estômago. Nem se lembrava da última vez que comera. Torceu o nariz ao olhar para as mãos sujas e as calças manchadas. Não tinha medo de que alguém o reconhecesse como membro da alta sociedade inglesa. No estado em que estava, parecia mais um condenado à forca, e suspeitava que, se seu companheiro não estivesse bêbado, a ganância não teria superado seu bom senso.

O fato era que todos os que o conheciam ou sabiam dele no momento acreditavam que ele estava morto. Os malditos que o traíram se certificaram disso.

Sua única esperança era buscar ajuda de Nicholas Sinclair, atual duque de Blackmore, antes que seus inimigos percebessem que a notícia de sua morte fora exagerada demais.



Pouco depois das onze horas da noite, Esperança deixou relutantemente o livro de lado e levantou-se para se preparar para a primeira missa do Natal.

Ela deixou Freddy na cozinha depois de deixá-lo sair para fazer suas necessidades. O cão não perdeu tempo em levantar rápido a pata no objeto mais próximo, voltar correndo para o calor da cozinha silenciosa e se enrolar em frente às brasas que ainda queimavam alegremente na grande lareira. Depois de verificar que o cão guloso não poderia se servir do prato de aperitivos e queijos, gentilmente deixado pela sra. Tomlinson, para comerem após a missa, Esperança vestiu seu manto mais quente e aventurou-se na noite.

O tempo estava excepcionalmente frio para o sul de Devon e, tremendo, ela se perguntou se talvez estivesse prestes a nevar. O chão fazia barulho sob seus pés, e ela tomou cuidado ao caminhar em direção à lateral sombreada da igreja, no momento em que os sinos começaram a tocar.

À medida que se aproximava da entrada, o risco de tropeçar em algo desagradável no escuro diminuiu gradualmente devido à suave luz de velas que brilhava do interior; por fim, ela se juntou à fila de aldeões, devotos o suficiente para enfrentar mais de um sermão escrito pelo coadjutor de seu pai, em um período de vinte e quatro horas. Enquanto sorria e apertava mãos animadas, suspeitava que poderia muito bem ter sido a curiosidade, e não a piedade, que trouxera a maioria dos residentes de Blackmore para fora em uma noite tão fria; quase todos concordavam que nunca se sabia o que o reverendo Shackelford faria a seguir e ninguém queria perder os acontecimentos.

Da forma como as coisas estavam, aqueles que acreditavam que dormir era mais importante, sem dúvida lamentariam o fato de ter perdido a missa da véspera de Natal de 1810, embora a narrativa sem dúvida acabasse embelezada até que os eventos reais mal pudessem ser notados.

Contudo, como o reverendo sempre dizia:

— Nunca se deve deixar a verdade atrapalhar uma boa história.



Era quase meia-noite quando Gabriel Atwood finalmente chegou ao seu destino, mas, ao parar ao pé da escadaria que conduzia à imponente porta da magnífica residência do duque, sentiu um nó no estômago. Blackmore estava envolto em escuridão. O que só podia significar que Nicholas Sinclair não estava em casa. Por que diabos não considerara a possibilidade de que seu antigo comandante pudesse estar passando as festas de fim de ano em uma de suas outras malditas casas?

Desesperado, Gabriel subiu os degraus e bateu na porta da frente. Certamente haveria criados que ficaram para cuidar de uma propriedade tão valiosa. Após dez minutos, ele chutou a porta frustrado.

— Imbecil — resmungou para si mesmo.

Ele apostara todas as fichas de uma só vez e não sabia o que diabos fazer a seguir.

Estava prestes a bater outra vez quando de repente ouviu os sinos da igreja. Parou para se atentar. Talvez os funcionários estivessem participando da missa da meia-noite. Com uma pequena centelha de esperança, começou a descer os degraus e, cansado, seguiu pela estrada sombreada em direção ao som festivo dos sinos. Ele não tinha ilusões de que Nicholas também pudesse estar lá; a casa atrás dele estava claramente fechada para a temporada. No entanto, havia uma boa chance de haver alguém na igreja que soubesse para onde o duque tinha ido.

Que Deus o ajudasse se não houvesse ninguém.



Reverendo Augusto Shackelford olhou para o sermão à sua frente. Por que, ah, por que ele não o revisou antes? Eram vinte páginas, pelo amor de Deus. Não tinha desculpa. Certamente nenhuma que

satisfizesse o Todo-poderoso provando que ele estava fazendo seu trabalho corretamente. Ele olhou para sua congregação, que esperava estoicamente pelo início do sermão. Por mais que já estivessem acostumados com as narrativas apocalípticas de Percy, esperavam pelo menos um pouco de alegria natalina, não um guia de cinquenta passos para evitar passar o próximo Natal no inferno com o Papai Noel.

A verdade era que vinha negligenciando suas obrigações ultimamente, e essa era a maneira de Percy dizer isso a ele. Só Deus sabia qual seria o tema do sermão do dia seguinte. O reverendo suspirou e balançou a cabeça. Não podia negar que as expectativas de seus paroquianos haviam aumentado dez vezes desde que ele resolvera o mistério da Redstone House no ano anterior. Na verdade, às vezes ele sentia que os aldeões o viam menos como um conselheiro espiritual e mais como um ator residente.

Ele olhou para cima mais uma vez. Com certeza tinha que dizer alguma coisa, mas não podia manter seu rebanho longe de suas camas por mais duas malditas horas. Suspirou outra vez e abriu a boca. No mesmo momento, a porta principal se abriu, fazendo com que a luz das velas oscilasse em padrões fantásticos. Surpreso, arregalou os olhos por cima de seu rebanho, que se virou coletivamente para ver o que chamara a atenção do reverendo.

O recém-chegado era um homem alto e magro, vestido de forma completamente inadequada para o clima. Para a visão imperfeita do reverendo, mais parecia um espantalho usado pelos fazendeiros locais para proteger suas plantações. Sem dizer nada, o homem mancou pelo corredor central, toda a sua postura revelando um cansaço avassalador. A congregação apenas sentou-se e acompanhou seus passos, sentindo que algo importante poderia estar prestes a acontecer.

Ao chegar ao púlpito, o homem parou e falou, sua voz baixa e rouca de desespero:

— Diga-me que sabe para onde Nicholas Sinclair foi. — Como o reverendo apenas olhou para ele com espanto, ele se virou para a congregação silenciosa e de repente gritou:

— Pelo amor de Deus, alguém aqui sabe o paradeiro do duque de Blackmore esta noite?

Então, o homem caiu devagar no chão, desmaiado.



Foram necessários quatro homens do vilarejo para carregar o estranho inconsciente até a casa paroquial, onde foi colocado sem cerimônias na cama, ainda completamente vestido. O boticário local declarou que ele sofria apenas de exaustão e determinou que uma boa noite de sono numa cama adequada provavelmente o deixaria com forças renovadas na manhã seguinte, quando descobririam sem dúvida o motivo pelo qual o homem procurava o duque.

Como é de se imaginar, reverendo Shackelford estava dividido entre cumprir seu dever cristão (afinal, era Natal, e bem... não havia quartos na pousada, nem estábulos e tudo mais...) e a preocupação de que ele, Esperança, Percy, ou possivelmente todos os três, pudessem ser assassinados em suas camas durante a noite.

Depois de deixar o estranho inconsciente em seus sonhos, sentaram-se na cozinha refletindo sobre o problema enquanto saboreavam a excelente refeição leve da sra. Tomlinson. É preciso dizer que, depois de alguns copos de conhaque, o reverendo estava muito mais propenso a ver o episódio todo com uma espécie de alívio, já que, no alvoroço que se seguiu ao anúncio dramático do estranho e ao seu desmaio subsequente, ele não precisou dar a ele o endereço do duque.

— Embora não tenhamos certeza quanto aos motivos do estranho — disse Esperança enquanto tomava um golinho de xerez —, não

podemos negar que sua angústia era muito real. Por alguma razão, ele estava desesperado para falar com Nicholas. — Ela fez uma pausa e franziu o cenho. Estava prestes a dizer uma coisa que nunca imaginou que diria, mas havia algo no estranho que tocava seu coração e transmitia uma sensação de urgência que não conseguia ignorar. Respirando fundo, ela continuou: — Apesar de estar vestido como um indigente, ele tem a postura de um homem de bem e, sem dúvida, veio de longe para falar com Sua Graça. — Ela se endireitou antes de declarar desafiadamente: — Creio que devemos levá-lo conosco amanhã.

Para seu espanto, nenhum de seus companheiros contestou sua afirmação. A sensação de necessidade transmitida pelo estranho claramente os afetou de maneira semelhante.

— Não tenho certeza se Nicholas ficará muito feliz por aparecermos com um homem desconhecido no dia de Natal — foi tudo o que o reverendo comentou com um bufo.

— Não sabemos se ele é desconhecido para Sua Graça — retrucou Esperança. — Lembre-se de que Nicholas serviu na Marinha Real por muitos anos antes de herdar o título de seu pai. Talvez esse homem seja conhecido dele desde seus dias no mar.

— Pode ser — interrompeu Percy com cautela —, mas devemos considerar a possibilidade de que também possamos estar trazendo, sem saber, um inimigo para a casa de Sua Graça.

— Não sou inimigo de Nicholas Sinclair. — A voz grave veio da porta da cozinha, que se abriu sem que nenhum deles percebesse. Esperança levantou-se com um suspiro antes de olhar acusadoramente para o cão de caça que dormia como se estivesse em um coma, cuja única contribuição para a entrada inesperada de um completo estranho foi um leve abanar da cauda.

— O senhor deveria estar na cama — comentou ela, esperando que o tremor em sua voz não fosse perceptível.

— Não há tempo — veio a resposta sussurrada enquanto o homem mancava dolorosamente para dentro da sala. — Preciso falar com o duque de Blackmore. Sabe onde ele está?

Sem responder, o reverendo se levantou e puxou outra cadeira.

— Sente-se, homem, antes que caia — declarou ele. — E coma alguma coisa, diabos. Parece que uma rajada de vento poderia levá-lo embora.

O homem hesitou, depois balançou um pouco. Por fim, inclinou a cabeça numa espécie de reverência:

— Gabriel Atwood, a seu serviço — murmurou com voz rouca antes de finalmente ceder e deixar-se cair na cadeira que lhe foi oferecida.

Esperança empurrou os restos da refeição em direção a ele e, após uma pequena hesitação, ele começou a comer.

— Percy, traga mais conhaque — ordenou o reverendo Shackleford, observando o hóspede enfiar a comida na boca como se fosse sua última refeição. Era evidente que o sr. Atwood não comia há algum tempo.

Levantando-se para buscar um pão fresco, Esperança colocou-o na frente do homem com um pote de mel.

— Por que deseja falar com o duque de Blackmore? — perguntou ela, estremeando ao vê-lo rasgar o pão sem cerimônia.

Antes que ele pudesse responder, Percy voltou com uma garrafa de conhaque e outro copo. O reverendo serviu três doses generosas enquanto esperavam que seu convidado inesperado finalmente parasse de comer. Por fim, Gabriel Atwood recostou-se com um suspiro, pegou o copo de conhaque e olhou para suas profundezas âmbar como se contivesse os segredos do mundo.

Enfim, perdendo a paciência, Esperança repetiu sua pergunta.

Gabriel olhou para ela antes de inclinar a cabeça para trás e engolir o líquido ardente de um só gole.

— Não posso dizer — ele respondeu secamente, sem esconder sua frustração pela recusa deles em revelar o paradeiro do duque de Blackmore.

— Terá de se esforçar mais do que isso — respondeu o reverendo categoricamente.

— Se eu contar mais, suas vidas podem correr perigo — ele retrucou agressivamente, levantando as mãos em sinal de protesto contra a obstinação deles.

Esperança estreitou os olhos, recusando-se a ser intimidada pela declaração dramática do visitante.

— Se, como diz, nossas vidas podem estar em risco caso nos conceda tal informação — ela retrucou —, então é lógico que a vida do duque de Blackmore também estará se o levarmos até ele.

— Não precisam me levar até ele — retrucou Gabriel. — Não preciso de uma babá. Basta me indicar a direção e sua participação no assunto estará encerrada.

Por alguns segundos, o único som que se ouvia na cozinha era o ronco suave de Freddy, então o reverendo balançou a cabeça em sinal de pesar:

— Receio que isso não seja possível, senhor Atwood, ou quem quer que seja. O duque de Blackmore é meu genro e está passando os festejos de fim de ano em uma festa em casa com o resto da minha família.

# Capítulo 2

Gabriel não teve o prazer esperado ao sentir uma cama confortável sob seus membros doloridos. Apesar do cansaço, sua mente se recusava a desligar. A frustração com a teimosia de seu anfitrião lutava com a surpresa de que seu antigo amigo e mentor tivesse realmente se casado. E com uma plebeia ainda por cima.

O Nicholas Sinclair que ele conhecera na Marinha Real era um homem severo e solene, pouco propenso a rir, o que era compreensível, dadas as tragédias pessoais que vivera. No entanto, apesar da natureza séria, era conhecido por ser muito justo, honesto e, acima de tudo, compassivo. De fato, sua tripulação o teria seguido até os confins da terra.

Mas trelar os bigodes? Gabriel não conseguia imaginar seu antigo capitão casado. Desde que deixou a Marinha, Gabriel passou o mínimo de tempo possível na Inglaterra e nenhum tempo envolvido no interminável vaivém que compunha a temporada londrina, então não ouvira nenhuma das fofocas. Balançou a cabeça na escuridão. Talvez o comportamento do duque tivesse mudado desde a última vez que se encontraram. Deus sabia que o homem merecia alguma felicidade. Só esperava que a filha do reverendo tivesse as qualidades necessárias para proporcionar tal coisa a ele.

Infelizmente, Gabriel temia muito que a paz conquistada com tanto esforço por Nick estivesse prestes a ir pelo ralo. Mas, embora

lamentasse amargamente ter levado seus problemas a um homem que considerava amigo, não havia realmente mais ninguém em quem pudesse confiar.

Resmungando, ele se virou e afofou o travesseiro. Embora Gabriel soubesse que Nicholas não recusaria ajuda ao seu antigo primeiro-tenente, as coisas tinham mudado. O duque de Blackmore tinha outras responsabilidades agora. Outras lealdades. Suspirando, ele se jogou de costas na cama. Desse jeito, nunca conseguiria dormir. Ele pensou na conversa que tivera na cozinha mais cedo. A linda ruiva... qual era o nome dela? Esperança. Pouco antes de entrar na cozinha, ele ouvira sua ousada afirmação de que deveriam ajudá-lo, mas a maneira como ela falara com ele fora cautelosa, até mesmo desconfiada. Sem saber bem por quê, ficou decepcionado quando a defesa dela pareceu vacilar assim que teve a oportunidade de falar com ele cara a cara.

Com um riso amargo para si mesmo, admirou-se com o ridículo de seus pensamentos. Ali estava ele, tentando sobreviver e lamentando o fato de que uma mulher, reconhecidamente tentadora, não tivesse desmaiado diante de seu rosto bonito. Ele levantou o braço para esfregar os olhos doloridos, então estremeceu com o cheiro. Pelo amor de Deus, se ela tivesse sentido o cheiro dele, não ficaria surpreso que tivesse torcido o nariz. Acre não era suficiente para descrever o odor desagradável que emanava de suas axilas. Só lhe restava esperar que a caridade do reverendo incluísse um balde de água e algumas roupas limpas.



Esperança passou o resto da noite revirando-se na cama, repassando a conversa que tivera com o enigmático sr. Gabriel Atwood. Tremendo, ela se lembrou da intensidade desesperada em seus olhos e de sua convicção de que ele era mais do que sua aparência sugeria.

Para sua surpresa, ela se pegou imaginando o que ele teria pensado dela, o que era totalmente ridículo, já que era possível, dadas as ações desesperadas dele, que o homem estivesse em perigo mortal. Em tal situação, era improvável que ele sequer tivesse notado sua presença.

E, diga-se de passagem, era improvável que ele tivesse notado sua presença em circunstâncias mais normais também. Esperança era sincera o suficiente para aceitar que não tinha nenhuma beleza deslumbrante e que talvez não tivesse a personalidade brilhante de suas irmãs mais velhas. Até mesmo sua gêmea, Confiança, era mais inteligente do que ela.

Na verdade, seu único talento era ter uma voz mais alta que o normal e, mesmo assim, não era nada melodiosa. É claro que ser descrita como alguém com pulmões ensurdecidos não era um dom do qual ela se orgulhava particularmente, embora suas irmãs achassem isso uma grande vantagem quando eram crianças. Na verdade, Esperança passava a maior parte do tempo sozinha, vigiando as travessuras infantis das irmãs. Provavelmente, foi o tempo que passou esperando e observando que a ensinou a valorizar sua própria companhia mais do que a de suas irmãs mais barulhentas.

Esperança suspirou diante da direção absurda que seus pensamentos tomaram, então desistiu de tentar dormir e saiu da cama, embora ainda fosse bem antes do amanhecer. Sem conseguir parar de tremer, se vestiu às pressas na sala gelada, lamentando a suposta véspera e manhã de Natal tranquilas e contemplativas que imaginara.

Correu escada abaixo até a cozinha e encontrou a sra. Tomlinson já acordada e ocupada preparando comida suficiente para sustentá-los durante a viagem até Ravenstone. Esperança pegou um *scone* recém-assado e levou sua recompensa para se sentar perto da lareira já acesa, segurando o bolo quente enquanto aquecia as mãos ao lado

das chamas crepitantes. Enquanto dava mordidinhas, seus pensamentos voltaram aos estranhos acontecimentos da noite anterior.

Seu convidado inesperado se recusou irritantemente a contar mais e, com a mesma teimosia, seu pai se recusou a dizer onde o duque de Blackmore estava. Após tal impasse, Gabriel Atwood só concordou em voltar para a cama depois que o reverendo prometeu que eles o acompanhariam pessoalmente até Nicholas ao raiar do dia. E agora, apesar de o amanhecer estar a pelo menos uma hora de distância, ela não se surpreendeu quando Gabriel Atwood apareceu há apenas alguns minutos atrás dela.

Por sorte, Esperança não precisou apresentá-lo à sra. Tomlinson. A cozinheira estava presente na missa da meia-noite e apenas olhou para o estranho com curiosidade enquanto lhe entregava uma tigela de mingau.

Não havia nem sinal de seu pai ou de Percy, e Esperança imaginou que já estivessem se preparando para a primeira missa do dia de Natal. Dadas as circunstâncias incomuns, era provável que fosse a única missa de Natal, pois agora era crucial que partissem o mais cedo possível para garantir que chegassem a Ravenstone em um único dia.

Discretamente, ela observou enquanto o hóspede comia seu mingau em silêncio, perto da lareira, assim como ela. O homem comia com uma precisão educada, reforçando sua convicção de que ele não era o maltrapilho que aparentava. De fato, quando terminou, agradeceu educadamente à sra. Tomlinson antes de se levantar. Após alguns segundos, ela percebeu que ele não havia se movido. Quando lhe lançou um olhar interrogativo, ele perguntou ríspido se havia a possibilidade de se lavar:

— Um balde de água no estábulo servirá — acrescentou rapidamente, sem dúvida para que ela não considerasse seu pedido presunçoso.

Esperança levantou-se e resmungou, irritada consigo mesma.

— Mandarei água quente para o seu quarto — disse ela, acenando com a cabeça para sra. Tomlinson. Ele inclinou a cabeça em agradecimento e virou-se para sair.

— E algumas roupas limpas — acrescentou ela com aspereza, mas ele já se virara.



Na verdade, o primeiro e único sermão do reverendo no dia de Natal foi o mais curto que ele já fez e não continha nenhuma das advertências severas habituais de Percy. Em circunstâncias normais, a missa matinal raramente era assistida por mais do que um punhado de aldeões; no entanto, nessa ocasião, a igreja estava lotada de paroquianos ansiosos para dar uma olhada no intruso dramático da noite anterior. Consequentemente, o reverendo Shackelford conduziu a eucaristia em ritmo acelerado, certo de que Deus sem dúvida aprovava sua rápida partida, como evidenciado pelo fato de que quase o vilarejo inteiro se levantou tão cedo para acabar com aquilo logo.

Às sete e meia da manhã, estavam confortavelmente acomodados dentro da luxuosa carruagem do conde de Ravenstone e a caminho de Cranborne Chase, onde ficava a propriedade de Adam Colbourne, na fronteira com Wiltshire.

Embora não se pudesse negar que a carruagem era um pouco pequena para quatro adultos e um cão grande, o calor humano serviu para afastar o frio intenso da madrugada. E, para Esperança, um tijolo envolto em um pano continuou quentinho em seus pés até que estivessem bem longe de Devon e já em Somerset.

O reverendo não escondeu seu alívio por seu convidado não estar mais malcheiroso que Freddy, mas, apesar de cerrar os dentes, Gabriel não mordeu a isca. Na verdade, seja lá quem fosse o dono das

roupas que ele vestia, o cão de caça claramente aprovou e não perdeu tempo em pular no assento e se aconchegar no recém-chegado com um suspiro de satisfação. Depois de um grunhido de surpresa quando o cão pulou nele, Gabriel ficou grato pelo calor adicional do pelo e, finalmente, pela primeira vez em muito tempo, conseguiu fechar os olhos e realmente dormir.

Sentada do outro lado, Esperança observava com uma mistura de surpresa e diversão enquanto Freddy subia em cima do passageiro inesperado. Na verdade, por um momento ridículo, ela se pegou desejando poder fazer o mesmo. Com um suspiro quase audível diante da direção absurda que seus pensamentos tomaram pela segunda vez, ainda que brevemente, Esperança sentiu seu rosto corar. O que diabos havia de errado com ela? É verdade que não choveram homens atraentes na paróquia ultimamente... Suas reflexões pararam de repente, e ela não conseguiu evitar que uma pequena risada escapasse. A verdade era que nunca choveram homens, atraentes ou não, na paróquia. Na verdade, principalmente devido ao seu comportamento indisciplinado enquanto cresciam (e, infelizmente, ela tinha que se incluir nisso), era um milagre que três de suas irmãs tivessem se casado, e se casado bem. Certamente não tinha sido devido às maquinações de seu pai. Pelo relato de Tempy e Confiança, parecia que ambas tinham chegado ao ponto de enganar seus maridos para que se casassem. Esperança cerrou os lábios. Não tinha a menor intenção de imitar aquela situação escandalosa. Confiança podia ser sua irmã gêmea, mas, na verdade, elas eram como água e óleo, e Esperança não conseguia se imaginar tomando uma atitude tão imprudente com um pretendente.

Se é que algum dia haveria algum.

Ela suspirou e voltou sua atenção para o belo estranho. Ele era bonito, apesar de sua palidez e de caberem vários dele nas roupas

descartadas por seu pai. Em repouso, ele parecia mais jovem, embora houvesse algumas mechas grisalhas em seus cachos pretos. Seu cabelo era comprido, muito mais comprido do que ditava a moda e, embora estivesse relativamente bem-barbeado, era óbvio que sua última tentativa fora feita sem espelho. Ela tentou se lembrar da cor dos olhos dele e ficou quase frustrada por estarem fechados. Até que, de repente, eles se abriram.

Eram de um azul-acinzentado, quase prateados, percebeu ela enquanto ele a olhava sonolento. Por alguma razão tola, ela retribuiu o olhar e percebeu instantaneamente o momento em que ele acordou completamente. Sua expressão era impassível, quase cautelosa, e ela sentiu seu rosto corar pela segunda vez em poucos minutos. Ela logo baixou os olhos para o livro em seu colo. Gabriel Atwood era claramente um homem acostumado a não revelar nada. Esperança se perguntou como ele chegou àquela situação.

— Raios e trovões, começou a nevar. — A observação murmurada por seu pai trouxe Esperança de volta ao presente, e ela olhou pela janela da carruagem, observando ansiosa os flocos que caíam.

— Estamos viajando há quase seis horas — ela calculou. — Ravenstone não deve estar muito longe.

— Ora, espero mesmo que não esteja — retrucou seu pai. — Há de escurecer em mais uma ou duas horas, e já passamos pela única pousada nesta estrada.

— Então, Nicholas está hospedado com Adam Colbourne — concluiu Gabriel. — Não sabia que se conheciam. — O reverendo Shackleford apertou os olhos para ele ao se dar conta de que era a primeira vez que dava ao homem qualquer indício do destino deles.

— Posso saber como um homem maltrapilho sabe das idas e vindas da alta sociedade? — questionou ele categoricamente.

Gabriel olhou para ele e ergueu as sobrancelhas:

— Boa pergunta — foi tudo o que murmurou com um sorriso fraco.

Esperança estava prestes a comentar algo quando Percy, que até então não dera um pio, de repente se inclinou para a frente com o cenho franzido.

— Ouvi cavalos — ele disse.

— Claro que ouviu — retrucou o reverendo —, temos quatro deles puxando esta maldita carruagem.

O coadjutor balançou a cabeça:

— Você não entendeu, creio que há cavalos vindo atrás de nós.

## Há um ano

Gabriel Atwood, o quinto visconde de Northwood, olhou para si mesmo no espelho. Que diferença fazia se seu plastrão estava amarrado em cascata ou com um nó simples? Essa ponderação toda era absurda. De repente, ele acenou com a cabeça para o reflexo de seu valete, que estava ansioso atrás dele.

— Já basta, Heavers — disse ele de repente, incapaz de suportar mais a agitação do homem. Afastando-se do espelho, suavizou sua brusquidão com um aceno de cabeça e um sorriso enquanto pegava seu casaco.

Ele não fazia ideia do motivo pelo qual seu tio o arrastara de Northwood e escolhera um baile de Natal para lhe dar instruções — a oportunidade de conversar em particular seria praticamente inexistente, dada a inevitável aglomeração que sem dúvida acompanharia tal reunião na Albany House. Com um suspiro, saiu pela porta da frente de sua mansão pouco usada em Belgravia e entrou na carruagem que o aguardava.

Estava em Londres há apenas uma noite e já estava irritado com o ridículo de tudo aquilo. Parecia a Gabriel que a grande maioria da alta sociedade vivia em uma bolha fora da realidade. Suas preocupações e interesses pareciam se concentrar apenas nas últimas novidades, escândalos, casamentos ou na miríade de outras atividades sem sentido que compunham a temporada londrina e, se tivesse escolha, não teria nada a ver com isso.

Com uma careta, Gabriel olhou pela janela para a escuridão. Odiava Londres e passava o mínimo de tempo possível lá. Quando não estava viajando a pedido de seu tio, preferia passar o tempo em sua propriedade em Hampshire — ao contrário de seu falecido pai, que preferia a agitação de Belgravia a sua casa de campo. Northwood Court nunca tinha sido realmente o lar de David Atwood, desde que sua esposa morrera naquela casa, no parto de seu único filho e herdeiro e, desde que Gabriel se lembrava, o velho visconde passava a maior parte do tempo na cidade entregando-se a todo tipo de atividades imprudentes, de jogos de azar a corridas de cavalos.

Em grande parte, Gabriel era muito mais parecido com o irmão mais novo de seu pai: Benjamin Atwood, que teve uma carreira quase encantadora na Marinha Real, chegando ao posto de almirante ainda relativamente jovem. Como era de se esperar, o adolescente e futuro visconde, impressionável, sonhava em seguir os passos ilustres de seu tio.

Ao atingir a maioridade, Gabriel ansiava pela bênção de seu pai, mas, e como já esperava, a única reação do visconde foi uma indiferença cruel. De fato, depois de pagar as taxas do posto na marinha, David Atwood parecia não ter nem mesmo a mais remota curiosidade pela carreira de seu filho, e Gabriel viu seu pai apenas uma vez antes que a imprudência de lorde Northwood o fizesse cair do cavalo enquanto corria por Hampstead Heath. Ele tinha cinquenta e três anos.

A repentina ascensão de Gabriel ao título foi tão indesejada quanto inesperada. Na verdade, Gabriel fora promovido a primeiro-tenente recentemente quando recebeu a notícia da morte do pai, e sua promissora carreira naval chegou a um fim inevitável.

Depois de ser forçado a renunciar ao seu cargo e voltar para casa, todos esperavam que o novo visconde seguisse os mesmos passos do pai, mas Gabriel não estava interessado. No início, a propriedade ocupava a maior parte do seu tempo, mas ele não perdera o desejo ardente de servir ao rei e ao país e, quando o tio o abordou com certas propostas *clandestinas*, Gabriel se lançou com entusiasmo no papel de enviado secreto. Ele podia ir e vir de sua propriedade sem que ninguém realmente soubesse. A Espanha era o destino da maioria de suas missões e, embora odiasse o calor e a poeira sempre presentes que pareciam penetrar em seus poros, não podia negar que se sentia mais vivo do que em qualquer outro momento desde que renunciara ao seu cargo para assumir o lugar do pai em Northwood.

As reflexões de Gabriel chegaram a um fim abrupto quando percebeu que a carruagem diminuía a velocidade e, cinco minutos depois, estava cercado por uma multidão de pavões que se acotovelavam para se juntar à multidão que já suava no salão de baile do duque e da duquesa de Albany. Uma vez dentro do local, Gabriel serviu-se de uma taça de champanhe morno e procurou por seu tio, finalmente avistando-o do outro lado da sala. Ignorando deliberadamente os olhares de soslaio lançados em sua direção pelas debutantes em busca de um marido, Gabriel enfim conseguiu abrir caminho até o almirante Atwood.

Benjamin Atwood sempre fora mais consciente politicamente do que seu irmão mais velho. Na verdade, de forma ocasional e muito discreta, era considerado uma pena ele não ter herdado o título de Northwood. Além disso, não foi surpresa para ninguém que Atwood

alcançasse o posto de almirante antes dos cinquenta anos. Na verdade, sua ambição sempre fora tanta que a maioria das pessoas ficava mais surpresa por ele ter tido tempo ou disposição para ter um filho. Como era de se esperar, sua esposa era uma herdeira cuja família tinha raízes navais que remontavam aos Tudors. Com o nascimento triunfante de seu único filho, a quem ela deu o nome de Henry em homenagem ao pai, Caroline Atwood se contentou em permanecer em segundo plano, preferindo passar a maior parte do tempo em sua mansão perto de Portsmouth.

— Boa noite, senhor. — Gabriel fez uma leve reverência e falou com o respeito devido a um homem de posição superior à sua, embora, em um ambiente civil como aquele, o visconde ocupasse uma posição mais elevada.

Mas poucas pessoas sabiam que o sobrinho de Benjamin Atwood ainda trabalhava para Sua Majestade.

O almirante parecia incomumente mal-humorado, relutante até mesmo em olhar para o sobrinho. Gabriel franziu o cenho. Seu tio não costumava ser assim. Normalmente, os dois tinham muito o que conversar e aproveitavam os breves momentos que passavam juntos. Talvez a situação pública em que estavam estivesse incomodando o homem mais velho.

Quando o tio por fim falou, seus olhos estavam ainda fixos à frente:

— Não tenho dúvidas de que está se perguntando por que diabos eu o trouxe aqui esta noite — comentou ele calmamente.

— De fato, senhor, passou pela minha cabeça que é muito difícil ter qualquer conversa séria em meio a tanta agitação.

Ben balançou a cabeça.

— Pois se engana — argumentou, parecendo relaxar um pouco. — Em uma situação como esta, é muito menos provável que sejamos

ouvidos ou mesmo notados. — Ele acenou com a mão discretamente, provando a Gabriel que, qualquer interesse demonstrado pelo visconde, desapareceu quando ficou óbvio para as mães casamenteiras presentes que ele não tinha intenção de ser abordado.

— Quero que volte à Espanha — declarou o almirante de repente. Sua voz era baixa e intensa, enquanto seu olhar continuava a examinar os convidados ao redor. Gabriel olhou para cima, surpreso, pois retornara há apenas um mês. — Embarcará na maré da manhã daqui a uma semana a bordo do *Seahorse*, que o levará a Cádiz... — O almirante fez uma pausa e por fim olhou para Gabriel antes de prosseguir. — Deve estar na cidade antes do ano novo. Suas ordens estarão esperando por você em sua cabine.

Gabriel percebeu uma gota de suor incomum na testa do tio.

— O capitão do *Seahorse* está ciente da minha missão? — perguntou o visconde com uma careta.

O almirante desviou o olhar mais uma vez, sorrindo e inclinando a cabeça para uma viúva atraente que passava, olhando para ele de forma sedutora. Ele esperou até que ela não pudesse mais ouvi-los para responder:

— O capitão é o Henry.

O tom de voz calmo do homem mais velho não dava indícios do golpe repentino que acabara de desferir.

A última vez que Gabriel vira Henry Atwood, seu primo estava lhe apontando uma arma.